

Galo das trevas
(As doze velas imperfeitas)

Pedro Nava

POEMAS

Gastão Castro Neto

Olavo Drummond

APRESENTAÇÃO

André Botelho

Copyright © 2014 by Paulo Penido / Ateliê Editorial
Publicado sob licença de Ateliê Editorial.
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897, Cotia, SP — 06709-300
Copyright da apresentação © André Botelho

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Elisa von Randow

Imagem de capa
Obra sem título de Marina Rheingantz, lápis de cor sobre papel, 14,8 x 21 cm.

Imagem de quarta capa
Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Pesquisa iconográfica
André Botelho
André Bittencourt

Imagens do Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Preparação
Leny Cordeiro

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Jane Pessoa
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nava, Pedro, 1903-1984.
Galo das trevas : (As doze velas imperfeitas) / Pedro Nava ;
poemas Gastão Castro Neto, Olavo Drummond ; apresentação
André Botelho. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2385-8

1. Memórias autobiográficas 2. Nava, Pedro, 1903-1984
3. Poesia brasileira I. Castro Neto, Gastão II. Drummond, Olavo.
III. Botelho, André. IV. Título.

13-13886

CDD-869.9803

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias : Literatura brasileira 869.9803

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

O tempo recuperado e um narrador sob suspeita <i>por André Botelho</i>	7
Cruz Vermelha <i>por Gastão Castro Neto</i>	19
Canção a Pedro Nava <i>por Olavo Drummond</i>	21

Galo das trevas (As doze velas imperfeitas)

PRIMEIRA PARTE: NEGRO	
CAPÍTULO ÚNICO:	
Jardim da Glória à beira-mar plantado	33
SEGUNDA PARTE: O BRANCO E O MARROM	
Ballade de François Villon	139
CAPÍTULO I: Santo Antônio do Desterro	141
CAPÍTULO II: Belorizonte Belo	357
Anexo I — Residências no Rio	497
Anexo II — “Peixe vivo”	506
Índice onomástico	511

Galo das trevas
(As doze velas imperfeitas)

Primeira parte: Negro

Capítulo único

Jardim da Glória à beira-mar plantado

et j'entreprenais mon ouvrage à la veille de mourir, sans rien savoir de mon métier.

MARCEL PROUST, *Le temps retrouvé*

First Lord: What time a day is't, Apemantus?

Apemantus: Time to be honest.

SHAKESPEARE, *Timon of Athens*

COMO TRADUZIR? mais corretamente *honest*. Por honesto, evidentemente, e por extensão, analogia, também por verdadeiro, autêntico, genuíno, natural, intrínseco, básico, fiel, direito, verossímil. Quem tem dessas qualidades é correto e puro. E se é assim, tem vergonha. Então é lícito verter o texto shakespeariano:

— *Que horas são?*

— *São horas de ter vergonha.*

É o que penso no dia em que completo setenta e cinco anos de vida e começo este meu quinto volume de memórias. E por que? a epígrafe. Para minha encucação durante o trabalho que empreendo, querendo ser sincero, veraz e probo. Usando brio e vergonha. Estou escrevendo no meu escritório, olhando lá fora o dia molhado, frio e gris que cobre o Aterro, a baía e, do outro lado, a linha de montanhas daqui visível — o horizonte que vai da ponta de Jurujuba à ilha da Boa Viagem. Namoro a paisagem áspera de outono que se Matisse tivesse visto traduziria com seus car-

vões mais compactos, seus cinza mais chumbo, seus brancos mais desérticos. E é de hoje? esse meu namoro com a paisagem natural, civil e humana do Rio. Por mais longe que olhe dentro em mim — vejo-o presente. Essa cidade, lembro-a de sempre. Mais particularmente em quadros que ficaram fixados pela memória — indeléveis fotografias instantâneos passados. Dentro da noite de veludo azul-marinho chego de Minas e contemplo, olhos ávidos, as ruas iluminadas a gás sem ouvir o tílburí que desliza rodas de borracha ao longo do Mangue de tinta negra, minhas mãos num joelho de meu pai, num joelho amigo do dr. Duarte. Na manhã de Visconde de Figueiredo a primavera toda úmida tem gosto ácido e cheira a flores de laranjeira, presa nas mãos de tia Eugênia Ennes — cujo vulto rosa e branco, na varanda tilintante, também se dissolve como a serralheira de prata dentro do banho de ouro do dia que chegou dos lados do Estácio. Na tarde açucarada de Aristides Lobo os bondes sobem e descem, derramando dos estribos penca de baleiros tabuleiros multicores cheios do gosto verde da hortelã, claro das tangerinas, cortante dos abacaxis e pastoso dos nugás. Na treva de São Cristóvão, janela aberta sobre o Campo, inauguro luars argênteos e descubro o bólido ciclope do *Cascadura* (direto) cortando a escuridão me fazendo estremecer primeira vez à revelação repentina da eterna solidão.

Esse encanto pelo Rio, eu o encontro em cada bairro que morei. Infância em Visconde de Figueiredo e Aristides Lobo. Depois Haddock Lobo e São Cristóvão. Voltei a Minas para ficar meus anos de faculdade, meus anos de indecisão. Fui à aventura do Oeste Paulista. Reconquistei minha Beira-Mar definitivamente, quando para aqui voltei no dia 10 de março de 1933. Desde meu nascimento subindo e descendo o Caminho Novo — morei vinte anos em Minas. Dois, em São Paulo. Finalmente cinquenta e três nesta Muy Leal e Heroica. Sou mineiro dos que dizem — mineiro graças a Deus! Mas por minha mãe tenho origens paulistas, montanhesas, baianas e cearenses. Por meu pai, maranhenses e outra vez cearenses. Sou um brasileiro integrado na tricromia da raça. Com tantos sangues provincianos de que me orgulho tenho aspiração a mais: quero ser ainda — carioca amador. Ao mesmo jeito de meu amigo o pernambucano Luís Jardim. E o que é? o Rio para mim. São aquelas quatro paisagens que encheram minha infância e alcores da adolescência e que têm cor azul-escuro noturno, ouro rosazul e prata dos seus dias gradis; som de ondas batendo, notas argentinas de vareta raspada con-

tra serralherias e as sete da escala do siringe de tantos tubos dos doceiros passando. E seu velho perfume de frutas, flores, folhas, madeiras, resinas dos jardins suburbanos, da subida da Tijuca, das chácaras de São Clemente, das maresias da baía e dos ares salgados de Copacabana. A permanência dessa vida passada que me entrou pelos olhos ouvidos narizes é que ponho nesta minha Glória para onde mudei com o casamento, a 28 de junho de 1943. Antes eu tinha morado em Copacabana, Tijuca, Ipanema, Urca e Laranjeiras.* Sempre pondo nesses bairros minhas impressões meninas. As que trouxe para a Glória e que acompanham meus passeios a pé nas suas ruas.

Flanar nas ruas do Rio é prazer refinado. Exige amor e conhecimento. Não apenas o conhecimento local e o das conexões urbanas. É preciso um gênero de erudição. É preciso saber colocar os pés nos locais de Matacavalos onde pisou Osório, na calçada de São Clemente onde andou Tamandaré, nesta Glória onde perpassou o vulto de Capitu — na geografia citadina real e imaginária, no Rio velho de Manuel Antônio de Almeida, Alencar, Macedo, Artur e Aluísio — irmãos Azevedo; de Lima Barreto, João do Rio, Marques Rebelo, Drummond. Dos historiadores e cronistas — monsenhor Pizarro, outra vez Macedo, Moreira de Azevedo, Vieira Fazenda, Luís Edmundo, Noronha Santos, Alexandre Passos, Melo Barreto Filho, Hermeto Lima, Brasil Gerson, Vivaldo Coaraci. De Herculanio Gomes Matias. Do meu Gastão Cruls. Tantos outros... É preciso saber corrigir os homens sem imaginação. Isto aqui, este espaço todo é a Fundação Getúlio Vargas. Não, senhor! Aqui era a casa do barão de Itambi, quando vizinho do dr. Torres Homem e mais para adiante a já derrubada onde Bidu Sayão aprendeu a cantar. Aqui é avenida Brasil. Também não. Aqui era o porto onde encostava a lancha de Oswaldo Cruz vindo para a Fazenda de Manguinhos. Mas aqui é a Igrejinha, adiante dela a praça de Santa Edwiges que dá na avenida Brasil. Sempre não. Só vejo mar praia de São Cristóvão e a ponte donde Rocca e Carleto saíram no *Fé-em-Deus* levando o menino Fuoco para lá de todas as águas... Para saber essas coisas é preciso ler muito, prestar atenção às conversas, perder dias inteiros indo verificar um número de casa, ou conseguir a façanha de consultar uma coleção de jornais na Biblioteca

* Ver Anexo I.

Nacional* que — neste país de analfabetos formados e analfabetos mesmo — em vez de ter um alto-falante na porta gritando — entrem para ler! — possui pessoal impedindo, o mais possível, acesso ao seu acervo. É preciso paciência e amor. O conhecimento puramente local do Rio eu o aprendi numa grande escola: o serviço de ambulâncias do velho Hospital de Pronto-Socorro. Dizem que quem mais entende de nossa cidade são os choferes de táxi e os médicos da Assistência. Pertenci ao grupo... E sei descobrir os segredos — a polpa de nossas ruas. Exemplo? Um belo dia verifiquei que o Rio era a cidade mais rica das que eu conhecia em matéria de serralheria. Aprendi a admirá-las. Também surpreendi variedade rara dos gradis das nossas casas. Os de canto redondo, cercando lados do prédio. Aparecem apenas em sobrados abrindo em cima, não por janelas mas portas dando em varanda sobre duas fachadas. Para encontrar essas grades era preciso que a casa fosse sobrado, de esquina, comportando certo luxo de construção. Passei num crivo a Tijuca, Catumbi, Centro, o Mangue, General Pedra, a Cidade Nova, Laranjeiras, transversais de Botafogo. Não encontrei nem vinte destas grades de museu. Descobri sua variante: as arnuvôs que aparecem nas janelas de canto de uns sobrados da belle époque. São bonitas, geralmente boleadas e lembram os estilos tônia, crisântemo e bunda das antigas estações do Metropolitano de Paris. À procura daquelas sacadas redondas descobri uma das minhas peripatetizações favoritas que deve ser degustada parte por parte, durante vários dias. Para saborear o que eu considero uma das espinhas dorsais do Rio velho a gente começa em Santa Teresa, no largo das Neves, que parece com Salvador da Bahia. Depois pega a claridade sertaneja de Diamantina, descendo Eduardo Santos e Paula Matos. Um pedacinho angulado e damos em Frei Caneca, frente à prodigiosa fachada de azulejos da Padaria Conde d'Eu que logo nos leva para São Luís do Maranhão. Vence-se a esquina de Doutor Lagden e entra-se na rua do Catumbi imperial, no largo do Catumbi imperial. Pode-se visitar um dos mais lindos cemitérios do mundo, os mármore e capelas onde repousam as cinzas dos grandes do Segundo Reinado. Depois Itapiru leva à rua da Estrela, largo do Rio Comprido com as opções: Aristides

* Esta página foi escrita antes da nomeação do sr. Plínio Doyle para o cargo de diretor da Biblioteca Nacional.

Lobo da infância ou Bispo com Barão de Itapagipe e Delgado de Carvalho da adolescência — dois caminhos que proclamam a República na rua Haddock Lobo. Todo esse Rio está morrendo...

Mas andando a pé em nossa cidade não são apenas épocas coloniais e imperiais que desvendamos. Tampouco fachadas pernambucanas, baianas ou mineiras que podemos ver. Viaja-se em todas as épocas e províncias do Brasil e pode-se sair também aí afora por esse mundo vasto mundo. Além das perspectivas do Pelourinho baiano, das ladeiras de Ouro Preto, das fachadas novas e simples do Oeste Paulista, além dos tempos dos vice-reis, de d. João, dos Pedros, dos conselheiros — a cidade pode mostrar a França, por exemplo. Havia tardes de chuva quando havia amuradas no Flamengo, que repetiam — sem *bouquins* — os cais pluviosos do Sena; diante das ruas Canapó e Medeiros Pássaro, olhando a montanha à direita, vejo a encosta de Rocamadour com suas casas penduradas que nem as do principado pênسيل de Andorra; antes de depredada, sob o pretexto de tornar visíveis os Arcos, a nossa velha Lapa, ao cair da tarde, irmanava-se (ainda que mal comparando!) à place Pigalle; e aquele fim de Oswaldo Cruz que abre em Botafogo, à noite, na distância das luzes e no despencar de trevas — nessa alternância claro-escuro — nos dá um pouco do Rond-Point des Champs Elysées. E fazer compras na rua da Alfândega, às dez da manhã não é? o mesmo que marchandear roupas penduradas como bacalhaus na rue Mouffetard. Mas não é só França e Paris que o Rio suscita. Tomando os viadutos do caminho do Caju um cais aparece com navios, guindastes e a chapa de sua água blindada que lembra os *embankments* do pool de Londres. Se erramos nas imediações de Tiradentes e São Francisco, Luís de Camões nos mostra edificação requintada e cor de tijolo patinado onde funciona dependência do Conselho Nacional de Pesquisas e que parece um *palazzo* da Piazza Venezia ou o próprio Palazzo Madama. Mas é sobretudo Portugal expulso por Passos que insiste aqui e ali. O Bairro Alto surge para o passante ascendendo Ferreira Viana e que olha a colina lisboeta ao fundo. Coimbra sobre o morro de São Carlos, para quem o mira da Ponte dos Marinheiros, ou está em Machado Coelho e leva a vista além Mangue ladeira acima. O morro do Pinto, à tarde, desenha ângulos do Castelo de São Jorge; ao sol da manhã é cenografia de aldeia portuguesa — destas armadas para festas de São João. A subida machadiana do Livramento está cheia de casas de Viseu que vieram voando e ali pousa-

ram na tarde limpa e batida do sol do verão. Assim Sintra, Leiria, Évora, Sezimbra, o Porto.

À medida que as obras do metrô e a insensibilidade dos proconsules nossos governantes vão demolindo de preferência o que há de sentimental, histórico e humano no Rio de Janeiro, multiplico meus passeios nas ruas malferidas — como quem se despede. Assim acompanhei, qual agonia de amigo, a depredação da Lapa. Esse “embelezamento” feito à picareta roubou ao bairro tradicional um dos seus encantos que era o ar de aconchego, de intimidade dos cafés, cervejarias, bares, cabarés e entradinhas suspeitas que se escondiam nas casas antigas e nas *dobras* de Mem de Sá, Maranguape, Mosqueira. Para abrir novas pistas dando solução rodoviária ao tráfego citadino, foram-se velhos quarteirões e em seu lugar ficou uma esplanada sem lógica, sem forma definida, sem harmonia nem simetria onde avultam a fachada monstruosa da Sala Cecília Meireles e um vasto paredão cego do Conservatório de Música. Ao fundo, mais visível, o conjunto dos Arcos, ai de nós! visível demais, como um desafio à sua demolição, quando acabarem as destruições em curso das casas do ladilá. Vão virar trambolho... Sua visão ao lado do cartucho da catedral-pirâmide de Gizé ganhou em insignificância grandiosa o mesmo que tinha sido conseguido, há mais tempo, quando se vizinhos o bolo confeitado do Palácio Tiradentes, o murundum de linhas retas da Secretaria de Administração — à dignidade despojada do Palácio da Rainha, à harmonia da casa dos vice-reis e à majestosa elegância de São José. Esses dois pontos são os conjuntos urbanos mais incongruentes que possuímos. Outro suplício a que assisti, lento como morte por empalamento, foi a execução do inocente Palácio Monroe. Não seria uma obra-prima de arquitetura. Longe disso. Não deviam tê-lo construído assim tão enfeitado, vá lá. A questão é que ele existiu e o Tempo se encarregou de inseri-lo na paisagem daquele fim de avenida, tão agudamente que até hoje quem passa naquele espaço sem explicação tem a impressão aflitiva de olhar cara sem nariz (nariz mesmo feio é insubstituível). Ficou um descampado feito para nada e, a meu ver, podemos acabar de cerimônias e instalar logo ali o estacionamento de automóveis que é inevitável. É tão mais lucrativo que ficar choramingando pela lembrança de Nabuco naquelas escadarias mortas, cercado dos membros da Conferência Pan-Americana... Um político deu entrevista dizendo que o Monroe não tinha importância histórica e que o

melhor era derrubá-lo. Então? Como assim? meu caro senador. Discordo. Pois não tem importância? a casa onde se passaram décadas da história parlamentar brasileira. Mas não adianta mais carpir o nosso Monroe. Seu réquiem foi cantado em crônica que pode ser colocada ao lado da de Machado de Assis bordando tema análogo. Foi assinada por Otto Lara Resende e publicada em *O Globo* de 3 de fevereiro de 1976. Tem por título “O meu velho Senado”.

E quando? os passeios de rua nos devolvem de repente nossos mortos — que nem sessão espírita. Pensando neles não. Andando despreocupado entre um endereço de casa comercial e outra. Apreçando. De repente a leitura do nome dum prédio. EDIFÍCIO ESTRELA BRILHANTE. Logo um canto cantou dentro de mim. *Estrela brilhante/ Láaaaa no alto-mar...* Voz de Jayme Ovalle e seu perfil judaico se recorta à minha frente, seus cabelos grisalhos esvoaçam no ar da tarde e seus olhos verdes se acendem feito as esmeraldas dos altos-mares. Recupero Ovalle, seu mundo também. Lá vem o Manuel dessa época, o Bandeira dos tempos da influência de Rodrigo e Graciema, José Cláudio e Magu, Joanita, Sacha, Guita, Sibley e Madame Blank. Sua grande fase, pois cada ciclo da vida de um homem é um homem diferente do que foi e do que está por vir. Fase azul de Picasso. Fase alumbramento de Manuel Bandeira. Ele era o cacto. Duro, belo, áspero, intratável... Basta-me entrar ou passar diante de estabelecimento bancário que logo penso em café e vejo águas calmas, céus azuis, figuras aladas, alegóricas e coroadas de flores — porque o primeiro banco em que transei chegando ao Rio foi o Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, uai! na esquina de Rosário com Quitanda e o café à sua frente tinha as paredes ornadas daqueles cloros claros, azuis de negra e rosados de pobre deixados pelo pincel dum Faísca qualquer... Daí divago — agora para estadistas guarnecendo a silhueta de Rio Branco no boteco em frente do Itamaraty e vejo que jamais ficarei livre daquele vulto de acaso com que entrei na tasca esquina de Afonso Pena e Mariz e Barros, cujas paredes mostravam uma sequência de afrescos que diziam da rubiácea desde o pé à cafeteira, passando pela colheita, secagem, ensacamento, benefício, torrefação. Até mais: xícara, bocas sorridentes da moça provando, do bigodudo provando, os dois se amando como nos postais. Ah! painéis trazendo aquela pátina dourada feita de relento das cachaçadas, de gás dos chopes, umidades de fervura, mazutagem da gordura volátil dos bifes com fritas. E essa esquina? essa fachada? — que são várias esquinas fazem-

do de conta segundo chova ou faça sol, seja dia, noite, primavera verão outono inverno. Qual a autêntica? Não são só estações e meteoros que truncam o caráter das ruas. Basta o Trânsito inverter a mão, uma escavação se eternizar, o tráfego ser drenado por via recém-aberta, alteração de ida e vinda de veículos ao talante das empresas de ônibus e tudo muda: interesses, gênero de comércio, qualidade de transeuntes — nas ruas de muitas faces. Estou dando uns poucos exemplos... Continuar nesse caminho seria escrever um *Guia dos devaneios nas ruas do Rio de Janeiro a dezembro* por um seu passeante há quarenta e cinco anos. E é com esta experiência que eu entro na Glória...

Não na circunscrição administrativa mas na Glória que me tracei e que comporta duas ilhas limitadas por mares de outros bairros. Há para os quarteirões uma geografia sentimental que difere da física. Ela é dada pelo caráter de cada canto ou rua da cidade. Já falei muito, antes, da unidade da rua do Ouvidor — do largo de São Francisco a Primeiro de Março. Vencido esse logradouro, o trecho restante perde completamente os caracteres que o individualizavam e vira pedaço da Misericórdia — como se fosse um dos extintos beco da Música e beco da Fidalga. A Glória imaginária de hoje não corresponde à antiga freguesia que foi se encolhendo até as duas ilhas separadas pela invasão do gênero Catete numa grande parte do nosso antigo largo. A primeira delas é circunscrita por Cândido Mendes até Hermenegildo de Barros, por esta até seu encontro com Visconde de Paranaguá, por Taylor em toda sua extensão, pelo pedacinho da rua da Lapa que está entre a última e a rua da Glória e por esta, novamente, até Cândido Mendes. A superfície assim separada contém as escadinhas, a parte baixa de Visconde de Paranaguá e um bom pedaço da Conde de Lages — entre Taylor e a própria Glória. Os olhos incorporam a ela a amurada sobre Augusto Severo, o relógio sempre desregulado, os jardins até o mar — empurrado e cada dia mais distante. A outra ilha, nem chega a sê-lo. É restinga constituída pela ladeira de Nossa Senhora, pela praça de Nossa Senhora da Glória (onde floresce sua linda igreja), pela ladeira da Glória. O que fica mais para trás, no outeiro, virou numa falsa Santa Teresa.

Guardo a lembrança da velha Glória que conheci menino, indo a Copacabana com minha família paterna — para piqueniques diante dos

vastos mares. Isto seria 1909 ou 1910... Revi depois a Glória dos meus tempos do Pedro II e mais tarde, a dos 30, quando vinha visitar tia Eugênia Ennes, viúva, na Pensão Suíça. Todas as Glórias desses anos mantiveram-se imutáveis até 1935. Daí para diante começou sua transformação, acelerada nos anos 40 e 50, tornada vertiginosa dos 60 para cá. A substituição das casas de estilo português e depois francês está quase completa e, entre os arranha-céus que se levantam, só uma ou outra das antigas moradas insiste em continuar de pé para ser namorada pelos saudosistas. Assim preciso fazer um grande esforço de memória para rever o seu lindo jardim de canteiros curvos, suas aleias bem ensaiadas, a estátua de Cabral na sua ponta, o coreto, o mar chegando até onde está a primeira via asfaltada depois de Augusto Severo. O extremo de jardim onde ficava a estátua do Descobridor foi depois isolado para construção de pista posterior e finalmente o monumento mudado de lugar e posto em cima dum pedestal que o diferencia do original existente em Lisboa — de que o nosso é réplica. O correr de casas do largo era de térreos e sobrados onde se destacava pelos seus três andares o vasto prédio da Pensão Suíça — rente à esquina de Cândido Mendes. O canto fronteiro dessa rua tinha um sobrado cujos baixos eram ocupados por café, freguesia gênero entre Lapa e Catete, que servia, à noite, uma das mais suculentas canjas que já provei e dos melhores bifés acebolados, a cavalo, com batatas fritas e à Rossini — que já mastiguei. Ah! nesse tempo a madrugada da Glória era amena, sem assaltos... O quarteirão seguinte, até Conde de Lages, era cheio de sobrados de que nenhum mais alto que a Escola Deodoro. Suas calçadas eram sede, até uma ou duas da manhã, dum trottoir de mulheres de gabarito bem acima das atuais. O de hoje ganhou em variedade. Em vez de existir só o de mulheres pegando homens há mais os de “garotos de programa” catando fanchonos, os de compadrons que fazem prostituição masculina para velhotas que pagam bem e finalmente o das fressureiras se adivinhando e abordando. E nada disso tem mais horário noturno. Trabalha de manhã à madrugada, com predominâncias horárias para cada grupo. Tudo é extremamente discreto e é preciso olho técnico para manjar as idas e vindas dessa fauna de grande cidade. Mas, como eu ia dizendo, as casas eram quase todas baixas e deixavam divisar as árvores e vertentes sobre a rua da Glória. Hoje tudo está tapado pelo muro bruto pedra, vergalhão e cimento armado que nos faz repetir melancolicamente o que mestre

France colocou na boca de seu personagem Daniset: *“J’admire à quel degré de laideur peut atteindre une ville moderne. Alca s’américanise; partout on détruit ce qui restait de libre, d’imprévu, de mesuré, de modéré, d’humain, de traditionnel; partout on détruit cette chose charmante, un vieux mur au-dessus duquel passent des branches...”*. Isto foi escrito em 1908, na Île des Pingouins. Imagine-se o que ele pensaria setenta anos depois...

Meus passeios a pé pelo bairro seguem sempre os mesmos itinerários. Saio do meu 190 para a direita, transponho fachadas de arranha-céus. Na esquina, onde havia aquele café das madrugadas, existe hoje uma lanchonete. Virando à direita, começo a subir Cândido Mendes que gosto de chamar de D. Luísa. Essa dona que deu seu nome era a mulher de Joaquim Clemente da Silva Couto, nos terrenos de cuja chácara abriu-se o logradouro, em 1845. Meu tio Antônio Salles aí morou, no princípio do século, mais ou menos à altura dessa Casa da Suíça — onde residiram Rachel e Oyama. Assim, subindo, cada vez que troco os pés na marcha, sei que estou pisando lugares palmilhados pelos amigos, por meus tios Salles e Alice, por meu pai quando vinha visitá-los. Galgo esse primeiro trecho fazendo essa reprodução do caminhado dos meus e vou calcando solos do ministro Hermenegildo de Barros, da prima Maricas do Juca Horta e suas filhas que moraram por aqui. Os passos de minha mãe também conheceram essas calçadas quando ela vinha ver a parenta. Povoando a rua de fantasmas, continuo minha ascensão. Nenhuma casa antiga, no princípio. Só os altos prédios, cujos térreos são ocupados pela alegria comercial de açougues, casas de ferragens, mais lanchonetes, barbearias, cabeleireiros femininos, drogarias, mercearias, farmácias. Entre elas, casa fechada, cada janela uma aparelhagem de ar-refrigerado, porta discreta e desde pela manhã o entra e sai de pares. Alta rotatividade. Estaco sempre a contemplar as fachadas dos belos sobradões de números 118 e 117. O último traz data na platibanda: 1882. Outra parada obrigatória é a esquina de D. Luísa com Hermenegildo de Barros que seguindo meu saudosismo gosto também de chamar rua do Chefe de Divisão Salgado. Numa das esquinas desse encontro e em terrenos ao lado, a demolição de duas antigas casas. Pela metragem quadrada dos lotes desnudados tem-se ideia do monstro que vai levantar-se no local. Consola a visão dos 17 e 19, casas datadas de 1896, dominando pela sua autenticidade. São de platibanda, dois andares e térreo habitável. A porta que sai do rés da rua tem a altura do térreo até

a linha superior das janelas. Lembram certos sobradões da Bahia. O 35 já é outro arranha-céu. Em frente, sem placa de numeração (mas entre o 32 e 36) ressalta um dos mais lindos chalés do bairro. As duas águas são alegradas na frente pelo rendado leve dos lambrequins e, na parte mais alta da fachada, duas janelinhas para arejamento do forro, conjugadas e protegidas por grade de serralheria tão cheia de curvas, alças, protuberâncias, bossas que nos seus restos de prateado o ferro se liquefaz e fica parecendo quebrado de espuma da crista de onda que fosse imobilizado na graça de sua posição — como em chapa de fotografia instantânea. Vêm depois, do lado par, sobradões de portas e janelas com cercadura de granito. No lado ímpar eu vejo há dois anos o muro onde está gravada a capricho e a indelével piche a palavra CORNO e depois seta que aponta um portão. Acho reprovável indicação assim omissa: devia ser seguida da informação BRAVO ou MANSO — esclarecedora dos interessados. O 59 dir-se-ia que é sonoro como as clochetes da elevação, na missa. Esse zirzumbir prateado vibra retine nas serralherias das sacadas e do portão. Minha alma se entristece com a reforma aviltante por que passou o velho 67... Assim vou visitando meus amigos dessa subida. Paro diante dos gêmeos que viraram suas fachadas para a travessa Casiano e de que um tem porta lateral para Hermenegildo, com o número 73. Parecem com nosso 106 de Aristides Lobo e pela travessa, acima, começa Ouro Preto. Longa extensão de construções reformadas, de paredões e baldios servindo para despejo de lixo — colchões, velhas poltronas eventradas, baldes furados, penicos descascados, bacias sem fundo, entulho despejo da vizinhança. Um pouco antes do 111, belo muralhão com escadas de pedra, conduzindo a terreno que derrama sua vegetação como gigantesco pote de avenças. Os degraus devem ter sido o acesso para casa ruída ou derrubada. O dito 111 é um casarão modernizado. Está pintado dum verde estridente, com tinta plástica. Essas tintas dão colorido novo que acentua e aumenta os vermelhos, os amarelos, os azuis, os róseos, todas as cores que eram usadas na pintura dos prédios coloniais e imperiais. Sua aplicação, longe de desvirtuar, como que revela e salienta os caracteres das nossas velhas edificações. Mais lances de paredões de pedra que o tempo foi desconjuntando e entre cujas frestas irrompem árvores que sobem renteando o muro sobre o qual espalham digitações de raízes que são como mãos magras mas potentes a segurar os punhados de monolitos que sem sua força rui-

riam. Voltando ao que mencionei antes, vale dizer alguma coisa sobre a maneira como são tratadas nossas construções pelos que as reformam. Uns querem modernizá-las e suprimem toda a fantasia, enfeite belle époque que salientava-se nas fachadas e florescia em torno às janelas e portas. As cores álares da pintura são substituídas por um cinzento de cimento cheio de faíscas duras de mica. Mais valia derrubar a residência antiga que desfigurá-la desse jeito. Outros pensam que respeitam o tradicional querendo melhorá-lo e acrescentando à simplicidade primitiva das casas desornadas o excesso que lhes parece mais requintado. Exageram nos painéis de azulejo, nos jarrões de louça sobre os muros, nas pinhas em cima dos parapeitos, nas estátuas vidradas dos beirais. Os dois exemplos abundam nessa subida de Hermenegildo e depois, em toda Santa Teresa. É justamente assim que acaba esse lance de via pública em cujo ângulo fronteiro fica a moradia que parece abandonada, onde viveu o ministro cujo nome passou à rua. É uma construção arnuvô cheia de vidros coloridos fazendo coberturas apoiadas em estruturas de ferro. Num canto, essas vidraças de cima a baixo parecem cobrir elevador ou escada de caracol. Tem o número 158, dois andares na frente e três no lado que fica em Visconde de Paranaguá. Próximo existe pequeno belvedere dando sobre níveis inferiores e abrindo vista fantástica sobre a baía. Tem bancos de pedra para os namorados e os desocupados. Geralmente ninguém no lugar ermo e propício aos ladrões. Dele vê-se o mar, a ponta dos aterros onde está o Aeroporto Santos Dumont e, mais próxima, a do que vem do Flamengo e onde começaram, recentemente, grande construção de cimento armado destinada, dizem, a restaurante. Ninguém. Nenhum veículo. Só passa o vento que vai para o largo ou dele vem mais fresco sobre a testa e o corpo molhado do suor da ladeira vingada.

Depois da parada nestes altos visão ouro e azul, começa-se a descida. Duas opções. Taylor ou Visconde de Paranaguá. Ambas profundamente Rio velho e tão bairro da Glória que sempre hesito. Taylor principia numa ladeira curta e mais escabrosa que a do resto da rua. Do lado direito, grandes barrancos e em frente, o 159, bela e pequena casa do início do século. Logo em seguida, ribanceiras, do mesmo lado, que servem para despejo de lixo. Toda a encosta da montanha está coberta de utensílios imprestáveis e policrômicos, de restos de papel, de comida, de roupas que repugnam e revoltam a quem olha de perto aquela imun-

dice acumulada pela negligência, descaso e incapacidade de nossa limpeza urbana. Vistos de longe (ou mesmo chegado, para quem tem vista cansada, como é o meu caso), os contornos contundentes dos objetos, das coisas, desaparecem e os olhos só veem cores. Então estas fazem tapeçarias mágicas, painéis abstratos que é como se resultassem da fantasia de pós-aquarela jogados num papel molhado, nele se dissolvendo ornando e armando por conta própria lentas curvas elegantes ou súbitos riscos imprevisíveis: nenhuma forma só o vapor das volutas das sete tintas do arco-íris. Ao menos assim, servem os despejos, os entulhos... A rua Taylor tem esse nome por ter sido aberta nos terrenos da chácara do chefe de divisão João Taylor. Certo em parte alta dessa propriedade — o que determinou a forma de crossa do logradouro. Seus números de 139 a 135 oferecem, a quem vai descendo, primeiro a vista de casinhas típicas do princípio dos 1900 e depois ruínas de muro com sobras de gradil e portão. A paisagem do resto da rua até sua chegada à esquina de Lapa é cheia de velhas casas cada qual oferecendo detalhes arquitetônicos casuais ou intencionais. No 120-A, por exemplo, uma escadaria barranco acima teria sido solução para resolver a subida mas o zigue-zague dos lances de degraus de ferro se acumulando e empilhando acaba desenhando uma geometria esticada que parece sanfona puxada de cima, enquanto os corrimãos de metal, polidos pelo uso e cintilando ao sol, ficam como raios que se baralhassem simetricamente. O 120, desvirtuado por aperfeiçoamento, deixa de ser convincente apesar de ter ficado bonito e alegre: azul e branco, pinhas e estátua de louça. A varanda canta em cima, atulhada de gaiolas de pássaros. Logo sobrados geminados da maior dignidade — o 114 tendo na platibanda a data 1894. Mas a mais curiosa e interessante edificação da rua é o 110 de que a graça reside na varanda cujas janelas são encimadas e têm por baixo painéis de madeira trabalhada à serra tico-tico, ostentando vazios favoráveis à ventilação. Fazem renda de Veneza. Do outro lado escarpas do morro. Às vezes as modificações introduzidas num prédio pela sua quantidade e variedade são como improvisos musicais na sua surpresa e fantasia. Os sobrados no alto de vasta amurada de arrimo de números 100 e 96 oferecem essa sugestão. Todo o lado ímpar diante das edificações que estamos descrevendo é composto de barrancos cheios de capim e lixo até ao número 45, sobrado de 1887, quatro janelas de frente, as de cima enriquecidas pelas varandas com serralheria representando dragões

simétricos que se afrontam pelo olhar de ferro, bico, peitos, patas, garras — sobre fundo desenhado por florões e curvas da mais elaborada elegância. Depois de atravessar Conde de Lages, Taylor mostra à frente um belo trecho da rua da Lapa, mas antes de nela entrar, apresenta ainda três edificações dignas de atenção. A fachada lateral de casa avarandada numerada como 11 de Conde de Lages que é o Hotel Canarinho, com quartos para rapazes; um chalé de três janelas datado de 1886, beirais rendados de lambrequins, bandeirolas de vidro central que se ilumina ao dia como safira e um óculo de ventilação do forro, tão tecido e trabalhado que parece uma aplicação redonda; finalmente os lados de outro chalé, um dos mais lindos do bairro e numerado por Lapa 230. Virando à direita, um pequeno trecho desta rua que pelo aspecto e caráter já é a da Glória. Piso com atenção a buraqueira. Dupla atenção: primeira por saber que palmilho o velho caminho da Lapa do Desterro, aberto na colônia pelo governador Vasqueanes; segunda atenção, para não quebrar os ossos no logradouro que duvido tenha símile — pelo desmazelo dos responsáveis por seu calçamento e limpeza. É como Sapucaia que tivesse passado por terremoto ou bombardeio. Entra-se. Vê-se janela onde, como aparição de outras eras, como uma espécie de celacanto, há uma velha rebocada que chama pela fresta das portadas postas de meia jota. Dizem que essa relíquia de uma prostituição superada faz a vida ali há mais de quarenta anos, que é de tudo e pelo jeito ainda tem freguesia. Conheço-a de vista de meus passeios a pé e quando ela da janela me rejuvenesce com seu discreto sinal de cabeça (entra, simpático) — nunca deixo de cumprimentá-la grave e profundamente como a uma grande dama. Depois desta, outras instituições: Hotel Cid, Empire Hotel, Escola Deodoro com sua fachada imunda, os portões enferrujando e breve deixando cair no chão as duas belas moldagens metálicas das armas do antigo Distrito Federal; o arranha-céu no 122 onde mora o nosso José Olympio e chegamos ao chafariz mandado erigir em 1772 pelo vice-rei e capitão-general-de-mar-e-terra d. Luís de Almeida Soares Portugal Alarcão Eça Melo Silva e Mascarenhas, conde de Avintes e marquês do Lavradio. Esse chafariz é como brasão da rua da Glória e mostra sua antiguidade colonial. Servia para aguada das embarcações quando a orla marítima era no nosso logradouro como ficou até o fim do século passado. Minha mãe, sempre que vinha ao nosso apartamento, olhava pela janela e dizia que conhecera o mar ali,

onde está aquele parapeito que vai até ao Relógio. Essa linha pode ser vista como enrocamento e cais em gravuras de Rugendas. Ela possuía no meio reentrância quadrada, como aparece numa daquelas estampas, para abrigo das pequenas embarcações. Foi aterrada quando afastaram o mar. Pois tive a prerrogativa de ver suas pedras ao demolirem o Elixir de Nogueira para erguerem o arranha-céu pegado ao meu. Das janelas da sala de jantar do nosso apartamento eu me aprazia em ver cavar buracos para os alicerces do prédio atual. Pois deu pano para mangas a amurada que apareceu e que fui ver de perto, feita de lajes monumentais ainda incrustadas de conchas. Era a parte mais recuada do antigo recôncavo de que falamos e demarcação continuada no nosso terreno pelos paredões atrás da garage. Moro pois em cima de área roubada do mar. Seu limite primitivo era o fundo do nosso apartamento; depois foi a amurada da Glória; posteriormente na primeira pista curva depois de Augusto Severo; mais tarde na última passagem de rolamento antes do Aterro, agora nas lindes externas deste. Olho com melancolia pelas minhas janelas da frente e calculo que cerca de um quilômetro de largura já foi tomado às águas, aqui na Glória.

Das alturas que descrevemos e onde fica a casa que pertenceu ao ministro Hermenegildo de Barros pode-se baixar não só por Taylor (assim acabamos de fazer) como por Visconde de Paranaguá. Essa via pública começa naquela e é primeiro uma reta que parece ter procurado a rua da Glória mas que recuou diante das escarpas do morro onde deixou o fundo de saco dum impasse. Descendo pelo outro lado, inflete-se em ângulo reto de modo que sua segunda parte está para a primeira como a haste de um T maiúsculo. Seu início faz-se por cerca duns cento e cinquenta degraus separados de dez em dez por patamares em cujo centro está plantada uma árvore. Aos lados dessa descida, sobrados e casas do início do século, restos de muros ruindo, casarões se desmantelando, baldios cheios de lixaria e a alegria das crianças naqueles batentes onde elas levantam suas fantasias e rolam suas aventuras. Há uma ruína no lado ímpar, mostrando fundos para a ladeira e tendo frente provável em Conde de Lages, que desafia a gravura — tanta a poesia que foi dada aos paredões se desarmando pela erva fina dumas folhinhas da forma de salsa miúda toda cerrada e fechada como se fosse reunião de avencas postas em gramado na beira das platibandas, molduras e beirais. Visconde de Paranaguá termina em Taylor por arrimos

de pedra, muros do lado par e pelo inevitável arranha-céu no lado ímpar. Vira-se naquela, segue-se pequeno trecho e já damos em Conde de Lages. Aqui outrora retumbaram hinos. Quando havia prostituição ostensiva no Rio, o trecho da zona que vinha da parte sul — transversais do Catete, Russel — comunicava-se com o da parte que ia para o norte pelos braços abertos das ruas da Glória e Conde de Lages que desaguiavam nas calçadas felizes de Lapa, Joaquim Silva, Morais e Vale, do glorioso beco dos Carmelitas. Essa zona alegre continuava um tanto diluída, por Mem de Sá e Riachuelo, escondia-se um pouco e reaparecia apoteótica nos quarteirões prodigiosos do Mangue — que puseram Blaise Cendrars bestificado e dizendo que não vira ainda nada igual nos bairros prostibulares das partes do mundo que conhecera. Eu e os meus colegas da Assistência Pública, veteranos do seu Serviço Externo, somos, com as donas de bordel, os *souteneurs*, os cafetões, os malandros, os gigis, os carachués e as próprias putas, os grandes conhecedores desse ambiente. Lavagens de estômago de envenenadas com fenol, permanganato, oxicianureto, sublimado, creolina — praticamo-las nos randevus de luxo e valhacoutos mais canalhas; caras trabalhadas à navalha, lombadas abertas em belas incisões esguichando sangue, contusões de porrete, ferimentos penetrantes, tripas ao léu, comas alcoólicos, êxtases de éter sulfúrico, estupores de cocaína — transportamos às centenas para entregar ao Serviço Interno do nosso antigo e desaparecido HPS. E éramos bem tratados, respeitados, em ambientes que nunca teríamos a ousadia de entrar sem as imunidades do avental branco e da malinha de madeira do socorro-urgente. Sempre penso nesse mundo iluminado, poético, trágico, sinistro e orgástico quando nos meus passeios pela Glória entro — como íamos começando a fazer antes dessa digressão — quando entro, dizia, numa rua Conde de Lages despida das galas de seus antigos festivais e vazia de suas multidões de machos em cio. Quem poderia me dizer que eu contemplaria as ruínas e o paredão se desagregando — em cujas alturas tiniam taças das cortesãs de Sagunto do famoso Consulado, bordel movimentado como a Estação de Pedro II cujo símile era o Armenoville de São Paulo — os dois lembrando o lupanar em que Charlus entrou, ponta de pés, para surpreender a traição de Morel. O quarteirão que se percorre por Conde de Lages e sua angulação até a Glória modificaram-se completamente. A população é de pessoal do comércio, famílias modestas, estudantes, gente simples. As aves de

arribação procuraram outros pousos. Agora há cafés-lanchonetes com operários. Um silêncio bom de roça. Ratos atravessam a rua de bueiro a bueiro — atarefados e olhinhos luzindo como os do que corria nos meus pesadelos em Aristides Lobo. Vendo-os, sinto vago arrepio e vem-me o medo insensato da preta sem cara e sangrando. Crianças jogam malha e brincam no caracol e no *vagon* riscados a giz e a carvão nos passeios — que me restituem a infância, o Internato, São Cristóvão. Um homem expõe quinquilharias na rua deserta. Seus fregueses não compram alfinetes, pentes, grampos, correntes, chaveiros nem colchetes. Quase não param, pagam, não falam, recebem o embrulhinho e piram. As velhas casas impluíram por si ou foram demolidas. Sobraram sobrados e térreos do princípio deste século — inconfundíveis pelas fachadas arnuvô e a rua segue quieta e apaziguadora até as paredes laterais da Escola Deodoro e do arranha-céu em frente — batentes abertos sobre o antigo Boqueirão, o Caminho da Olaria — hoje nossa rua da Glória — velha de duzentos para trezentos anos.

Às vezes chegando a minha rua, em vez de tomá-la até em casa renteando os edifícios e o chafariz, atravesso-a para o lado da amurada sobre Augusto Severo. Sempre a conheci, lembro nos anos 30 que do lado do último logradouro seu paredão, em lugar do revestimento de pedras de hoje, tinha-o de azulejos anunciando o Bromil, o Elixir de Nogueira, o Tintol. Com letreiros e as figuras do homem tossindo, do sífilítico curado, do sino batendo e seu badalo fazendo soar as duas sílabas: TIHNNNN para um norte e TÓOOLLLL para um sul. Havia reclamares de comida, utilidades, arquitetos, companhias de seguro, advogados, até de médicos. Recordo as letras garrafais do DR. METON com que meu primo anunciava seu consultório de oculista. Todo o parapeito é duma liga metálica se fazendo de bronze mas onde domina o ferro. Faltam-lhe pedaços; aqui e ali há rombos enferrujados guarnecidos pelos caprichos da própria oxidação e lembrando vastas cáries dentárias. As colunetas (semelhantes às do monumento à Abertura dos Portos em frente ao Hotel Glória e às de outras eras da praia do Flamengo sobre o mar) estão umas quebradas e aparecem grandes vãos onde elas faltam; as pedras do paredão têm encontros e quinas lascadas. Há pouco tempo quando se anunciou a vinda do presidente da República para visitar as obras do metrô e reinaugurar os jardins, procedeu-se à restauração apressada, colocação de novos pilares e obturação com cimento dos

rombos das pedras. Foram postos globos (sem lâmpadas) nos postes da amurada, limpavam-se as escadas que dão em Augusto Severo, fincaram-se galhos verdes nos círculos de terra das calçadas onde a arborização morrera, houve hinos, discursos, vibração, todos foram dormir e as pedras estão novamente se deslocando, as escadas servindo para despejar lixo e o belo Relógio da Glória parou outra vez — agora marcando, como se o fosse fazer para sempre, vinte para as oito. Às quintas instala-se na nossa calçada e sobe Conde de Lages a feira semanal com sua morrinha das bancas de peixe, perfume das flores e das frutas, multicolorido dos legumes, das folhas dos mateiros catadores de plantas de preceito; das utilidades, das roupas feitas, dos chinelos e sandálias. O mercado acaba ao meio-dia e carregadas as barracas — surge o batalhão terrível dos mendigos catando no chão a comida que caiu. São mulheres, crianças, velhos. Não são gatos nem cães. São seres humanos. Por tal espetáculo somos todos responsáveis, os que não precisamos mexer em restos de lixo para matar a fome. Sim, todos responsáveis. É sobre essa massa de sangue, pobreza e carne desvivida que assenta nossa pirâmide social e as coisas têm de ser assim porque Pipi, coitadinha! não pode viver sem Dior e Givenchy, nem Coco sem seu *blended scotch* autêntico, seu polo, seu golfe, seu iate. Apesar de não ter estas regalias, tenho outras e no dia da cobrança terei de pagar por elas sem tugir nem mugir. Legal.

Disse no princípio que a minha Glória sentimental ficava em duas ilhas. Já descrevemos a que é limitada com Catete, Santa Teresa, Lapa, o mar. A outra, antigamente unida à primeira, foi separada quando a rua do Catete invadiu o largo da Glória conferindo-lhe seu caráter, ao mesmo passo que o Russel assumia fisionomia autônoma. Para chegar à segunda ilha é preciso percorrer justamente o resto de Glória que sofreu influência do gênero Catete e que fica entre Cândido Mendes e o Palácio Arquiepiscopal. Quando se atravessa esse ponto demandando o Russel, é certo pisarmos locais onde foi a Taberna da Glória, uma das estações de Mário de Andrade quando de sua paixão no Rio. Esse restaurante e bar também servia de ponto de encontro de traficantes e dava, por comunicação interna, com portaria que se entrava por Catete e que era a de um hotel cuja recepção sempre se esquecia de fazer encher aos fregueses sua ficha de inscrição. Também o Russel, com a praça Luís de Camões, não dá a impressão de que se esteja na Glória. Essa recomeçará

na esquina da ladeira de Nossa Senhora. Depois das construções laterais do hotel e do arranha-céu numerado por Russel, a primeira edificação característica que encontramos é casa que conheci em pitorescas ruínas e reconstruída sem perder sua feição. Atualmente tem a mesma numeração do antigo edifício de apartamentos que Monteiro & Aranha ocuparam para seus escritórios, e seus terrenos servem para estacionamento dos carros dessa firma. O 214 é um belo sobrado restaurado, imponente nos seus três pisos. O 228 outro, com cinco janelas em cima, entrada central embaixo, duas janelas de cada lado. A porta tem superiormente abertura vedada por serralheria dum luxo e duma invenção que fazem dela uma das mais lindas do Rio. Os intervalos e vazios de seu rendado metálico ventilam o vestíbulo do prédio que honra a ladeira por sua autenticidade respeitada. O 279, antigo 124, mostra grande portão da chácara que sobe morro acima. Do 311 ao 325 estão as casas, parece que da idade da igreja, onde já estive o consistório da irmandade e que serviam para abrigo dos romeiros. O catálogo telefônico, no endereço dessas construções, mostra que elas ora estão ocupadas por particulares. Chega-se ao ponto mais importante do nosso bairro, que é a praça onde se levanta a igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória. Aqui os passos que seguimos são os dos nossos imperadores e daquela gente cuja lembrança faz a poesia dos dois reinados. Também os dos que deixaram seu testemunho sobre o encanto do lugar. Nas lajes desse adro pisaram, além dos grandes e pequenos do Império, os personagens imaginados de Machado de Assis e mais os pés de Luccock, Spix, Martius, Henderson, Mary Graham, dos nacionais padre Perereca, Pizarro, Moreira de Azevedo — cronistas do local. Suas paredes, torre, cunhais e coruchéus prenderam os olhos dos artistas que fixaram a beleza de suas linhas nas telas, desenhos e gravuras da sua iconografia — como Taunay, Vinet, Buvelot, Borget, Honbrook, Garneray, Bertichem, Martin, Czeni, Jayme, Schutz, Rugendas, Dickson, Michellere, Desmons, Arago, Fisquet, Ousley, Ribeyrolles. Da praça e do adro um belíssimo *vol d’oiseau* com que nos impregnamos duma das mais lindas e genuínas vistas cariocas que num instante faz passar nas retinas a sucessão prodigiosa dos contrafortes, descidas e lapas de Santa Teresa, da rua da Glória, do Centro, do Aterro; do outro lado, nos longes da Armação, com Niterói-Niterói-como-és-formosa, o mar, a barra... Não se pode falar desse alto da Glória sem dizer o nome de Rodrigo Melo Franco de Andrade a

cujo esforço, tenacidade e bom gosto devemos a reintegração da igreja na paisagem, pela desapropriação e demolição das construções do Russel, a restauração da sua subida e o desentulho dos alicerces do forte da Glória. Da praça tomamos a ladeira da Glória — inteiramente desfigurada e acabando embaixo com arranha-céus. Das velhas casas não sobrou nada. Tudo no chão; sumido, inclusive, o 135, onde visitei pela primeira vez Gastão Cruls que ali morou pelos 30, antes de ir para o Alto da Boa Vista. Ali fui também mais de uma vez ver Gilberto Freyre que lá se hospedava chegando da Europa, dos Estados Unidos ou vindo do seu Recife.

Os que estão tendo a paciência de me acompanhar nestas minhas voltas vão perguntar por que sou tão fatigante e ando a empregar técnica de mostrar o bairro à Baedeker e *Guide Bleu*. É justamente porque estou tentando fazer um guia do velho Rio diluído, dispersado e oculto pelo Rio moderno. Talvez esteja obedecendo à fecundação nascida de antiga conversa com Rodrigo Melo Franco de Andrade. Lembro noite em que palestrávamos em sua varanda, no escuro de Bulhões de Carvalho, e recorro a pergunta que lhe fiz. Qual? de nossas cidades coloniais ele achava a mais importante em matéria de construções civis e religiosas. São Luís? Recife? Salvador? São João d'El-Rei? Tiradentes? Congonhas? Ouro Preto? Mariana? Diamantina? O querido amigo respondeu sem hesitar que era o Rio de Janeiro. À minha surpresa ele acrescentou que não se percebia isto porque nossos mais lindos monumentos estavam baralhados a construções recentes e cada vez menos acháveis numa cidade onde a vida média de um prédio é de doze anos e em que todos, governantes e governados, parecem empenhados em demolir o mais possível, sem respeitar o que há de mais belo, autêntico e tradicional na cidade onde se não estão, pelo menos estiveram, em maior quantidade, os testemunhos de nossa melhor qualidade arquitetônica. Foi quando comecei a duvidar de certas reputações e a considerar como mais ou menos vândalos a Francisco Pereira Passos, Antônio Prado Júnior e ao nosso Henriquinho. Assim eu me dou ao trabalho de dar rua e número das casas que descrevo e ficarei amplamente recompensado se uma única pessoa quiser seguir meus itinerários para ver no lugar certo os requintes de serralheria que eu indico e mais a graça de certas varandas, a proporção das janelas e portas, a sugestão de um velho portão que se enferruja, dum muro, duma parede, dum telhado e até a humildade do lixo despejado nos baldios — nessa nossa cidade linda

como Nápoles e mais suja que o Cairo. Os endereços que aponto são os de casas que vão morrer e que breve não existirão mais. Assim como acompanhamos avidamente a agonia dos que amamos para guardar para sempre a tirania de sua derradeira lembrança — acho que todos que passam diante de uma velha casa, de uma velha igreja, devem olhá-las como quem segura, se encosta, cheira, beija, lambe, degusta o corpo apetecido. É amar agora porque a mocidade foge. É olhar e ver agora porque as selvas de pedra proliferam e nunca mais se contemplarão os telhados, beirais, ornamentos, lambrequins, serralherias, gradis, portões, vidraças e bandeirolas de vidro azul de que estou dando o endereço. Tenho a certeza de que haveria comoção se os jornais anunciassem a destruição de qualquer das nossas cidades históricas. Pois saibam quantos me lerem que estão sendo criminosamente demolidos os Recife, Salvador, Sãojoões Tiradentes Congonhas Ouropretos Marianas Diamantinas que ainda existem em trechos da Gávea Botafogo Centro Gamboa Lapa Catumbi Ricomprido Tijuca Andaraí San Cristóvão... E enquanto nossos arranha-céus não envelhecerem e não adquirirem o sabor de vida e o sabor de morte das velhas casas — NÃO RECUPERAREMOS a poesia das músicas modinhas violões cavaquinhos pianos e cantos do nosso Rio. Nem suas festas batizados noivados casamentos; tampouco o ruído de suas conversas políticas, palestras de velório, de enterro, de cemitério, de jardim público; a voz os gritos os gemidos os choros das crianças meninas donzelas moças velhos; os berros de multidão no Carnaval e nas Copas. Em suma, de tudo que está impregnado no mata-borrão esponja das casas velhas e que nelas se depositou com o tempo — tudo de imprevisível como a sombra das pátinas, de luminoso como o polido dos mármore antigos e belo como o que há de mais belo — adolescência mocidade, Amor Triunfante...

Efface ce séjour, ô Dieu! de ma paupière,
Ou rends-le-moi semblable à celui d'autrefois,
Quand la maison vibrait comme un grand coeur de pierre,
De tous ces coeurs joyeux qui battaient sous ses toits!

LAMARTINE, "Les Visions"